JOICE PIACENTE

ZÉ DO CANGAÇO

UM CANGACEIRO NA UMBANDA

MADRAS®

Joice Piacente

Zé do Cangaço

Um Cangaceiro na Umbanda

MADRAS®

Agradeço a Oxalá as bênçãos recebidas pela oportunidade de poder escrever, com o amparo espiritual de Pai Joaquim de Angola, a história de um espírito em evolução que se dedica à caridade e ao aprendizado, contando-nos um pouco sobre sua jornada evolutiva.

Agradeço a minha mãe e ao meu pai (in memoriam) *por tudo o que me ensinaram a ser, com amor e dedicação.*

Índice

Breve Introdução.....7

Capítulo I
Vida no Cangaço..... 17

Capítulo II
Novo Destino..... 25

Capítulo III
Passagem na Escuridão 43

Capítulo IV
Prosa com Seu Zé do Laço 65

Capítulo V
Virada na Prosa 77

Capítulo VI
Andança..... 85

Capítulo VII
Pensamento e Lembrança 95

Capítulo VIII
Rumo ao Novo Caminhar Misturado com Lembrança... 109

Capítulo IX
Doce Acalento 141

Breve Introdução

Zé do Cangaço

Estava eu sentado à beira de um rio esperando o tempo passar

A olhar o movimento das ondas na água e pedrinhas a jogar.

Cansado e desiludido da vida

Esperando meu amor chegar

De uma batalha que não quis participar.

Corpo sofrido, alma doída

Corrompido pela ilusão de um povo ajudar

Perdido na ganância de conquistar

Arrebatamento do meu penar

Depois da ilusão, acordar.

Muitas almas abatidas

No inferno a caminhar

Pelo meu punhal a sacar.

Fico pensando o que será da minha alma quando daqui se for.

Meu corpo sofrido e marcado de tanto rancor

E o meu amor que tanto estou a esperar...

E nada de chegar.

Passa dia, passa noite e eu aqui a esperar.

Vejo o Sol, vejo a Lua.

Vejo as estrelas a brilhar.

Um pensamento a me castigar...

Onde há de estar?

Murmúrios de que já não sou mais o mesmo e minha honra a cuidar...

Pensam que sou aço

Não desfaço o sofrer de quem se faça por merecer.

Sou cabra-macho a perecer

Ao meu grande sofrer.

E o meu amor...

Nada de aparecer.

Vieram ao meu alcance e mais uma batalha a vencer.

Desgrenhado eu estava

Desiludido de viver

Mas, por batalha a vencer...

Deixo o perecer

E me ponho a correr.

Correr pra valentia,

Ter a garantia de vencer

E batalhas nunca perder.

Sou cabra-macho dado à poesia

Diante de tanta covardia.

Repentista sou no meu sertão

Diante de um cabra dado a valentão

Que explora o peão em troca de seu pão.

Meu punhal enfio sem dó

E ainda faço gozação do cabra que mijou sem fazer sermão

Se dizendo coitadinho

Só querendo um bocadinho do quinhão.

Cerimônia faço não

Pra ajudar um irmão,

Mas se trair meu coração

Não tem perdão

Sete palmos abaixo no chão.

Como estava dizendo, desgrenhado eu estava, mas num pulo dou um salto e volto a ser cangaceiro do meu sertão.

Coloco meu gibão, chapéu de couro, carabina em punho, punhal no cinturão.

Cabra que é macho não anda de facão,

Anda de punhal pra olhar nos olhos de quem vai dessa pra melhor ao espetar seu coração.

Quando junto minha tropa, até poeira abaixa no chão.

Bicho fica escondido, marido no rabicho

Dizendo: mulher deixa disso e vai ver o que é isto.

Este então, não tem perdão!

Fico com a dona e o abandono pelo chão.

E o meu amor então...

Diz vem cá, meu valentão!

Mas, onde andará ela então?

Movo o céu, movo o inferno

Só pra ter mais chamego e um aconchego

No lar que não tenho.

Quando chego e deito pelo chão esperando aquela mão...

Dizem por aí, os que abusam do meu povo,

Que não tenho coração.

Esse engano também não tem perdão.

Luto pelo meu povo do meu sertão,

Sertão da Bahia, terra de muito chão,

Chão que dá e tira a vida por não ter molhação.

Pro meu povo sofrido chorar de emoção

De ver sua plantação e seu gado sofrido na engordação.

Sou amado, sou odiado,

Mas não me importo não.

Só eu sei o que vai em meu coração.

Mas, onde andará ela então?

Por cabra safado se enrabichou dizendo que tinha muito tostão.

Que ia embora do sertão

Pra viver na ilusão

De um amor canastrão.

Sou bom de coração e amor eu tenho sim.

Por ela faço tudo e até saio do meu sertão.

Deixo meu cangaço sem nenhum tostão

Pra levar vida de pobretão,

Mas sem meu amor fico não.

De esnobe fui esnobado.

Punhal entrou em ação!

Com cabra safado,

Dono de tostão,

Meu amor fica não.

Meu bando de acordo, entrou em ação

A coitada pediu perdão

Mas corno fico não!

Meu punhal ficou com sangue

De um amor sem perdão.

Meu coração ficou manchado de tanta desilusão.

Fugi do meu sertão!

Dizem por aí que morri na batalha como valentão,

Mas a verdade é que morri de solidão.

A solidão não tem fim.

E o amor, então?!

Sou de prosa, sou proseador

Paradeiro tenho não.

Esta breve introdução

De quem sou então!

Minha vida no cangaço do sertão

Por amor à minha nação

Fui de luta e solidão.

Boiadeiro em sua vaquejada

Presta atenção

Se precisar ponho a mão

Pra não deixar um irmão

Perder o seu pão.

Boiadeiro tem vida sofrida e de solidão

Igual a mim

Cangaceiro sem chão.

Respeito o boiadeiro

Respeito a boiada

São todos meus camaradas.

Respeito não é o espertalhão!

Quem quer levar vantagem em cima do irmão.

Passei minha vida desde jovem em meio a cangaceiros do sertão

Tornei-me um, então!

Saudade tenho não!

Pois tô aqui na mesma função.

Ajudo o irmão

A encontrar seu cinturão

Pra pôr os pés no chão

E caminhar neste mundão.

Por ora vou parar com meu repente e a introdução

Vou abrir meu coração

Com muita emoção

Mostrar qual é a situação.

Sei que posso não

Contar minha história sem uma viola, então!

Vou é falar com o coração.

Capítulo I

Vida no Cangaço

Minha vida no cangaço foi muito sofrida e de provações, pois praticava o bem ajudando os desvalidos e lhes entregando o pão, pão que lhes era tirado por coronéis sertanistas de posses e gananciosos por terra e dinheiro sem lei na atuação, que não perdiam oportunidades através de mandos e desmandos em seus "capitães", para que recebessem o pagamento de impostos determinados por eles mesmos diante de suas falsas necessidades e impondo fidelidade. Capitães estes que não titubeavam em recolher a produção de lavouras que mal produziam, por causa da seca, e também galinhas, vacas e tudo o que podiam, deixando o sertanista na miséria maior do que a miséria em que já viviam.

Coitado daquele que se recusava ou dizia não ter colheita ou tostão para o pagamento do tal imposto, pois tinha sua família violentada e ameaçada.

Eu, por minha vez, lutava contra isso com meu bando. Sendo eu o líder, não perdoava um capitão e muito menos um coronel; fazia justiça com minhas próprias mãos e devolvia grande parte do que tinha sido levado. Uma parte ficava para o sustento, com fartura, de meu bando.

Os pobres sertanistas da minha caatinga querida me tinham como deus e como o diabo, como o cabra que não perdoava nem a própria sombra.

Era temido e respeitado. Sempre respondia ao chamado de ajuda e, às vezes, nem era chamado, mas estava lá quando me chegava a informação de que iria acontecer uma visita de um coronel ou capitão.

Cada confrontamento era sangrento e sempre havia perda de alguém do bando ou da parte do coronel. Geralmente a perda era de um cabra iniciante metido a filhote de cangaceiro sendo afoito e imprudente, mas se achando homem e justiceiro, ou de um capitão afoito se achando valentão, querendo ser o dono da situação, e aí, coitado dele, então.

Somente os mais antigos do bando entendiam o real motivo de nossa existência e função. Os mais jovens encaravam como apenas uma batalha de poder e riqueza que os deixava excitados, e essa excitação fazia com que perdessem a cabeça, às vezes até tentando se tornar o líder do bando, o que nunca acontecia, pois minha astúcia e valentia não permitiam. Alguns eu até botava pra correr pra bem longe, longe mesmo, porque se ficassem por perto seria perigoso para o condenado, que se borrava todo, e para o bando. Só não tirava a vida, na maioria das vezes, porque o cagaço deles não permitia a traição e sabia quem era eu então, mas se fosse vacilão...

Nossa vida era eterno perigo, vivíamos nos escondendo com ajuda dos coiteros, mas com muitos festejos, muita fartura de carne de boi e de cachaça. Só permanecia no bando quem tinha o cangaço no sangue e lealdade à nossa causa.

Como líder, eu não era adepto a novos camaradas, mas a necessidade nos obrigava a arrebanhar novos cabras para o bando, o que era feito com muito esmero.

Por onde passávamos éramos tidos como arruaceiros, mulherengos e temidos por nossa violência. Nossa fama percorreu todo o Nordeste de minha pátria amada, Brasil, e por outras bandas se perpetuando, porém mal compreendidos.

Quando digo mal compreendidos, é porque a causa era nobre, só não era nobre a forma como lidávamos com a causa.

Certo dia, no sertão da Bahia, em uma cidadezinha perdida no mapa, onde havia um tal metido a coronel só porque tinha um pedaço de chão, que se dizia ser Sebastião, afoito e mandão querendo tomar posse do que não era dele; então, querendo abocanhar mais um chão, estava causando maior destruição.

A notícia correu igual ventania e chegou até mim, Silveirinha, porque o povo me conhecia, e como ventania chegamos na correria.

Com armas em punho tomamos posição e, com estratégia, entramos em ação. Tempo corrido de batalha e nada de ver Sebastião. Escondido estava, escondido ficou, mas não por tanto tempo assim. Uma dona enrabichada de minha beleza, na sorrateira ação e de coragem destemida, veio até mim fuxicando o esconderijo. Prometi um chamego e entrei em ação.

O tal do metido a coronel Sebastião ficou sem ação e pediu perdão, vendo que não tinha remédio pra situação. Tomei a palavra e lhe disse que eu dava o perdão, mas o povo sofrido, não! Então... Tinha de dar cabo da situação enterrando o nobre cidadão.

O povo com toda alegria pagou nosso quinhão nos fartando de pão e ganhou nossa proteção.

Como tudo se vai um dia, a fartura também ia, e a alegria só vinha quando acontecia outra rinha.

Outro dia, afiando a bainha, ouvia a canção de uma tropa a passar, boiadeiros em ação tocando o gado a cantar.

Sou boiadeiro

Boiadeiro eu sou

Não perco um boi

Minha boiada na estrada

É bem vigiada

E na minha solidão

Encontro a beleza na estrela a brilhar

Passa boi, passa boiada

E o meu gado a tocar

Minha laçada, lanço pelo ar.

Pra um boi agarrar

Passa boi, passa boiada

Pro seu dono entregar.

Distraído pela canção, vendo a boiada passar, mas sem perder a atenção, vejo um cabra sorrateiro a tanger um boi no desvio da estrada sem que boiadeiro em sua boiada se tocasse do perigo.

Monto a galope e saio em disparada prendendo o cabra assustando boiadeiro, pensando ele ser eu o larápio de sua boiada. O cabra querendo ser esperto, confirmando a situação, boiadeiro arredio fica confuso, então.

– Meu camarada, se quisesse, pegava toda a boiada! Sou eu, Silveirinha, o protetor da boiada.

– Seu Silveirinha, desculpe minha ignorância, dê fim no cabra safado que lhe dou um boi da boiada. Digo pro meu patrão que o boi fugiu do sertão em busca de água e de outro chão, pois sumiu de minha visão e se perdeu neste mundão.

– Seu boi vai dar festança e você e a boiada são convidados de honra. Respeito boiadeiro em sua andança e valentia. É cabra-macho com segurança.

Na festança, um boi foi pouco pra tanta comilança, porque sabendo da festança apareceram meus irmãos de confiança do cangaço do sertão e nossos bandos se juntaram, então, pra comilança e dança do arrasta-pé, pança com pança, coxa com coxa até o amanhecer. Nem bicho passava por perto, muito menos alma penada com medo de vingança e confronto sem parada.

Terminada a festança, boiadeiro e sua boiada foram levados em segurança ao seu destino sem fiança.

Eta raça forte, raça sofrida!

Faça sol, faça chuva,

Seu tanger de uma boiada não tem parada

Nem pelo amor de uma amada.

Se eu não fosse cangaceiro,

Boiadeiro seria, então!

Tangendo a boiada de dia e a noite cantoria.

Era destemido e coragem não me faltava, andava pelo sertão com determinação em tempos difíceis pra toda a população.

A miséria corria solta, miséria de pão e do espírito, em que vencia a lei do mais forte, onde a lei do papel só tinha serventia para os mais fracos em sua punição.

Lembro-me de um causo num dia de muita trovejada sem chuvarada, coisa tão esperada no sertão e quando chegava, então... A festança corria pelo sertão. Nesse dia, sem afazer de uma batalha, resolvi galopar pelas estradas, pois não tinha parada.

No meu galope em disparada, com o vento a roçar meu rosto sujo pela poeira, dei de cara com uns cabras da lei ao alcance de uns camaradas. Dei uma de cabra esperto assustado

com a parada sem ser reconhecido pelos cabras na tocaia, que foram perguntando:

– Quem é você, meu senhor, nesse disparo a galopar? Salta daqui que a batalha vai começar.

Capitão da polícia, coiteiro que levava vantagem no secreto do sertão, disfarçou a situação, pois o cabra me reconheceu e quis levar a sua vantagem; então, e pra não levantar a questão, disse: vai embora, meu irmão.

Achei estranha a situação, mas como sou espertalhão, percebendo qual a situação, fingi ser um cidadão e procurei refúgio, então.

Fiquei de tocaia só na observação e o camarada resolveu a situação. Espantou os cangaceiros em ação, mas liquidou os irmãos, saindo o único da situação.

Da tocaia eu saí e fui em sua direção de punhal na mão, pronto pra atuação.

– Diga aí, meu irmão?

– Você deu cabo na enfrentação, tá querendo virar cangaceiro, ou ganhar minha confiança pra ter o seu quinhão, então?

– Sei quem é você e, por sorte da situação, quis mostrar quem sou eu em ação! Quero entrar pro seu bando e peço a permissão. Sou valente em ação e medo tenho não.

– Olha lá, meu camarada, onde é que vai entrar?

– Covarde eu não aceito e pendenga quero não.

– Tô cansado desta vida sem ação e emoção. Família tenho não, nem amor no coração.

– Diga mais, então!

– Já lutei muito ao lado dos falsos bons e não vi resolução... Nada muda, não!

– Que prova de confiança me dá, então?

– A prova, já te dei nesta ação!

– Sei não!

– Recolhe as armas dos cabras e vamos resolver esta situação, quero ver você em ação!

Voltamos a galope ao esconderijo onde o bando estava impaciente e afoito na espera do momento de nova batalha, pois cangaceiro sem uma rinha não vê serventia no tempo que passa à toa.

Os camaradas, ao ver o homem fardado, se colocaram em posição e eu só observei a situação pra ver se era moleirão.

Sem perder a pose, disse que eu era o novo soldado em ação pra ajudar no cangaço de seu querido sertão.

Olharam pra mim sem entender a situação, mas apontando as armas em sua direção. Levantei a mão e disse, então:

– Não se avexem não, vamos ver se é valentão! O bando está precisando de grão e cachaça na mão, vamos saquear a fazenda do Quirino que delatou o bando do Severino, que caiu na armadilha do policial valentão. O cabra é bom de prosa e quer percorrer o sertão com chapéu de couro e gibão.

O saque foi certeiro e garantiu grão pro ano inteiro, mas o policial não viveu o dia inteiro, muito afoito, não foi certeiro.

É! Vida de cangaceiro não é longa pra quem quer ver o rebuliço sem saber o que é isso!